

CIBEC/INEP



B0006859

RNOS DA

IV Incola

LIVROS ETC...

372.41:371.671.12

C376I

Ex.2

MEC

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



LIVROS etc...

MEC
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

LIVROS etc...

Presidente da República Federativa do Brasil
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Educação e do Desporto
Paulo Renato Souza

Secretário-Executivo
Luciano Oliva Patrício

SUPERVISÃO TÉCNICA

Secretaria de Educação à Distância
Secretário

Pedro Paulo Popovic

Departamento de Inovações Educacionais
Diretora

Mindé Bauday de Menezes

Instituto Nacional de Estudos e
Pesquisas Educacionais- INEP

Diretor Executivo

Og Roberto Dória

CONSULTORES

Coordenação geral Isa
Grinspum Ferraz

Autoria Professora

Zélia Cavalcanti

Criação Gráfica

Victor Nosek

Editoração eletrônica

Peter Kompier

Revisão João

Batista Ccsar

PROJETO TV ESCOLA

Ministério da Educação e do Desporto
Secretaria de Comunicação Social da
Presidência da República
Fundação Roquette Pinto

APOIO FINANCEIRO E DISTRIBUIÇÃO

Instituto Nacional de Estudos e
Pesquisas Educacionais - INEP
Campus da UnB - Acesso Sul - Asa Norte
70910-900 - Brasília - DF
FAX: (061) 273 3233
TELEX 612459 IPEQ BR

Este caderno complementa as séries da programação da TV Escola.

Informações: Tel.:
0800 61 6161

ÍNDICE

A HISTÓRIA DA ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	5
Um pouco de História	5
OS LIVROS E SEUS AUTORES.....	10
Um pouco da história dos livros	10
O TEXTO E A IMAGEM	14
As relações entre texto e imagem na história da escrita	15
TUDO O QUE PODEMOS LER EM UM LIVRO	18
Alfabetização visual.....	19
LIVROS DIDÁTICOS ONTEM E HOJE	22
Os livros didáticos no Brasil	22
Os livros didáticos	23
O TEXTO NARRATIVO	26
AMPLIANDO OS LIMITES DOS LIVROS DIDÁTICOS E DA SALA DE AULA.....	30
TRABALHANDO COM O TEXTO INFORMATIVO O JORNAL.....	34
O jornal na sala de aula	36
O GESTO, A VOZ E A PALAVRA ESCRITA	38
Breve história do Teatro	39
O Teatro em sala de aula	40
AS ENCICLOPÉDIAS NA SALA DE AULA	43
Um pouco da história das enciclopédias.....	44
A enciclopédia na sala de aula	45
COMO AS CRIANÇAS APRENDEM A GOSTAR DE LER	47
A ESCRITA E AS IMAGENS NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	51
A RECEPÇÃO DA LEITURA	54
Para garantir a qualidade da aprendizagem de leitura	55
TELEVISÃO E EDUCAÇÃO	56
BIBLIOGRAFIA	58

A HISTÓRIA DA ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Ao contrário do que a criança espera quando inicia sua escolaridade, o aprendizado da escrita requer tempo, paciência e maturidade. Horas e horas de atenção às tarefas que nem sempre fazem grande sentido para ela, certamente colaboram para que pense sobre questões do tipo: Por que todos devem escrever com a mesma ortografia? Por que é preciso "caprichar na letra"? Por que a língua escrita tem regras de acentuação? Por que a gramática da língua escrita nem sempre corresponde à da língua oral?

Desenvolvendo um trabalho de pesquisa sobre a história da escrita vinculado às tarefas de alfabetização, o professor estará ajudando seus alunos a encontrar respostas para essas questões; poderá introduzir conceitos que se vincularam à escrita através dos séculos, transmitindo aos alunos a idéia de que a escrita é um instrumento fascinante, que a humanidade levou anos para criar.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Para os antigos egípcios, uma das primeiras civilizações a adotar a escrita como disciplina escolar, o aprendizado da escritura estava impregnado de magia. Thot, o deus da sabedoria na mitologia egípcia, havia criado o sistema da língua escrita e presenteado os homens com esse novo saber.

Naquela época, aprender a ler e a escrever equivalia, de certo modo, a descobrir uma arte encantatória exercida por poucos eleitos e que atribuía ao seu aprendiz poderes supremos. Era a época da crença na magia da palavra, em encantamentos secretos cuja eficácia não era jamais posta em discussão.

Os escribas, detentores deste conhecimento e responsáveis por ensiná-lo aos jovens, formavam a casta mais poderosa da sociedade e exerciam grande influência sobre os faraós e a sociedade como um todo. Foi graças ao seu rigor que os antigos

egípcios puderam registrar sua história, sua medicina, gastronomia, astronomia, mitologia e literatura.

O sistema gráfico por eles utilizado era, realmente, uma escrita dos deuses - a palavra hieróglifo significa grafia sagrada - e era composta de magníficos desenhos admiravelmente estilizados formando belíssimos poemas visuais que, tantos séculos depois, permanecem extasiantes. A originalidade e complexidade dessa escritura contém três tipos de signos: os pictogramas (desenhos representando coisas ou seres, aliados a uma combinação de signos para exprimir idéias), os fonogramas (desenhos que representam sons) e os determinativos (os signos que permitem saber a que categoria pertencem as coisas e seres em questão).

*Os egípcios foram também os inventores do papel, em sua forma mais arcaica, o **papiro**. Como o trabalho no papiro exigia muita minúcia e paciência, criou-se a escrita cursiva, mais fácil de ser aplicada sobre esse suporte e que contribuiu para a popularização da escrita.*

Para uma criança egípcia, o caminho da alfabetização era um tanto árduo. 'O melhor ouvido da criança são suas costas', rezava um provérbio da época, justificando a prática de bater com varas nas costas das crianças que porventura dessem um pequeno sinal de distração durante as aulas.

Ingressando na escola aos dez anos de idade, as crianças custavam alguns anos a alfabetizar-se. Os alunos com mais facilidade de aprender eram escolhidos pelos escribas para que prosseguissem com os estudos até a idade adulta.

O método utilizado pelos mestres egípcios consistia em exercícios de memorização, leitura, cópias e ditados. Como se vê, suas estratégias ainda frequentam muitas salas de aula contemporâneas.

Em meados de VIII a.C, quando os egípcios ainda traçavam hieróglifos, e na Palestina ainda se utilizava escritas alfabéticas, na Grécia se falava uma língua muito diferente e que não era capaz de transcrever os alfabetos existentes.

Foi nessa época que os gregos tiveram uma idéia simples e genial - para anotar suas vogais, tomaram emprestado do alfabeto aramaico diversos que representavam caracteres inexistentes na língua grega. Assim nasceram o A-alfa, E-epsilon, O-omicron, Y-ipsilon.

No século V a.C. o alfabeto grego já existe contendo vinte e quatro signos ou letras, dezessete consoantes e sete vogais. Sabe-se também que esse alfabeto podia ser escrito em letras maiúsculas ou minúsculas. As letras maiúsculas eram utilizadas para gravar em pedras, ao passo que as minúsculas eram usadas para escrever sobre o papiro. Os gregos haviam inventado as "ardósias", tabuletas cobertas de cera sobre as quais os alunos traçavam as letras com um estilete e que depois podiam apagar.

Com a invenção do alfabeto grego, surge nos séculos V e VI antes de Cristo uma das mais ricas literaturas de todos os tempos, representada por todos os gêneros: poesia, teatro, história e filosofia.

É desse alfabeto que nasce nosso alfabeto latino, que se distingue de outros sistemas de escrita por permitir escrever tudo que se desejar com uma pequena quantidade de signos.

Da época das pranchas de ardósia até nossos cadernos, lápis e até computadores em sala de aula, muita coisa se passou. Mas algumas práticas parecem permanecer. A necessidade de reescrever, de apagar os erros, por exemplo, parece forjar o material didático desde o início dos tempos. Como se sabe, o erro faz parte de um processo.

Atualmente, quando uma criança ingressa na escola, já tem certa familiaridade com o lápis e a caneta e, na maioria das vezes, anseia pela hora de "aprender a ler e a escrever". Ela nem sequer desconfia do sofrimento dos antigos alunos egípcios.

Com um trabalho de pesquisa sobre a história da escrita, o professor amplia o repertório dos alunos e cria situações interessantes para o tratamento de alguns aspectos da alfabetização.

Vejamos alguns exemplos:

TRABALHANDO COM QUESTÕES DE ORTOGRAFIA

Como sabemos, escrita é um código de comunicação determinado pela sociedade e por isso deve obedecer à regras para que possa ser compre-

endido por pessoas em lugares e épocas diferentes. Se cada escriba egípcio tivesse inventado uma forma pessoal de escrever, seria impossível decifrar o conteúdo de seu legado e a humanidade não teria acesso a todos os conhecimentos acumulados por aquela cultura tão rica.

Partindo dessa idéia, o professor poderá, por exemplo, atribuir uma nova dimensão à questão da correção ortográfica, colocando a seus alunos a questão: "É possível que cada aluno escreva da forma como quiser?"

Outra situação interessante pode ocorrer quando se discute com os alunos a necessidade do treino de caligrafia, pois se cada aluno resolver traduzir a grafia das palavras de um modo único e pessoal, seu texto se tornará inteligível, contrariando a função básica da escritura que é justamente a de comunicar.

ASSOCIANDO A APRENDIZAGEM DA ESCRITA A CONTEÚDOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Após uma pesquisa sobre a escrita no antigo Egito, incluindo aspectos dessa civilização que tanto encantam as crianças (as pirâmides, o rio Nilo, faraós e múmias), o professor poderá propor diversas atividades em classe tais como:

- *ESCREVER À MODA ANTIGA*

Escrever os resultados da pesquisa sobre papel de seda, acompanhados de ilustrações criadas pelas próprias crianças.

Este material requer um trabalho de caligrafia minucioso. O ideal é que as crianças escrevam inicialmente sobre papel comum, tenham a ortografia checada pelo professor e, em seguida, copiem o mesmo texto sobre papel mais delicado, tendo a liberdade de complementar seu trabalho com desenhos de sua autoria.

As folhas podem ser enroladas e atadas por laços para depois serem colocadas à disposição de colegas de outras classes.

Os trabalhos podem também incluir cartazes, maquetes, pequenas

esculturas ou até uma parede de inscrições. (Os alunos cobrem uma parede da classe com papel e nela escrevem sobre o objeto de sua pesquisa utilizando textos e imagens, como faziam os antigos escribas nas paredes das pirâmides).

- *VIAGENS NO TEMPO ATRAVÉS DE JOGOS DE "FAZ DE CONTA"*

do presente ao passado

A classe pode ser convidada a viajar até o Antigo Egito numa nave especial tendo como principal objetivo desenvolver uma pesquisa sobre a antiguidade.

Em um diário de bordo, deve ser escrito um relato minucioso de cada dia da viagem, e além desse diário central, cada tripulante deve ter um diário comentando e analisando a viagem de um ponto de vista pessoal.

do passado para o presente

Uma criança egípcia seria transportada pela nave até nosso tempo. Como será que ela reagiria? O que seria preciso lhe mostrar e explicai? Como seria possível comunicar-se com ela? Quais são as novidades de nosso tempo?

Depois de um debate em sala de aula, o professor pode pedir a cada aluno que escreva seu próprio texto sobre esta possibilidade.

Estas são apenas algumas sugestões para um trabalho possível em sala de aula às quais a criatividade do professor deverá juntar muitas outras.

OS LIVROS E SEUS AUTORES

Hoje em dia, ao iniciar sua vida escolar, toda criança espera manusear e ler livros.

Uma boa forma de aproximar os alunos desses que serão seus companheiros durante muitos anos, é contar-lhes um pouco de sua história. Quando surgiram os primeiros livros? Como eram ? Quem os escrevia?

Essa história, estreitamente relacionada à história da língua escrita, poderá alimentar muitas situações de aprendizagem durante o processo de alfabetização; e mesmo depois, quando já sabendo escrever com desenvoltura e autonomia relativa, as crianças quiserem escrever seus próprios livros.

UM POUCO DA HISTÓRIA DOS LIVROS

No século II a. C. os escribas de Pérgamo, na Ásia Menor começam a utilizar couro para escrever. Isto é, inventam o pergaminho, uma página feita de couro de animais como a cabra, o antílope e mesmo a gazela. Este suporte apresentava uma vantagem em relação ao papiro utilizado pelos egípcios: podia ser utilizado de ambos os lados.

O surgimento do pergaminho trouxe consigo duas mudanças fundamentais: primeiramente permitia a utilização da pena, um instrumento muito mais prático do que as espátulas usadas anteriormente, além disso o pergaminho podia ser dobrado, permitindo a invenção dos Códices, os ancestrais de nossos livros, feitos com folhas empilhadas umas sobre as outras.

Os gregos, que já, haviam inventado a gravura sobre a pedra, inventaram também os escritórios, "scriptorium", geralmente localizados ao lado de bibliotecas.

Nos antigos mosteiros, cada copista possuía seu escritório, no qual executava seu trabalho de pé. Sua tarefa era a de concluir quatro folhas por dia. Naquela época, cada folha tinha de 35 a 50 cm de altura por 25 a 30 cm de largura, que deveria ser minuciosamente trabalhada. O trabalho de copiar só era interrompido pelas orações. O anonimato era a regra de ouro. Quando um

monge se distinguia pela beleza de seu trabalho, era sumariamente proibido de continuar a trabalhar, pois nada deveria conter a marca do autor.

Ao contrário dos escribas do Antigo Egito, os monges copistas da Idade Média não eram nem criadores, nem poderosos: eles escreviam, sem inventar praticamente nada. Sua criação se situava em outro plano: a arte da caligrafia e da ilustração. E terminaram sendo, por isso, os inventores dos primeiros livros do ocidente, as belíssimas iluminuras, livros manuscritos fartamente ilustrados.

No ano de 768, o imperador Carlos Magno decide revolucionar o trabalho dos copistas. Ao exigir novas cópias de antigos trabalhos, opta também pela correção e atualização dos textos. Surgem assim os primeiros revisores do mundo. Uma atividade que se mantém como essencial até os nossos dias, tanto para a feitura dos livros, como no trabalho escolar.

A escrita abandonou os conventos e invadiu a vida dos leigos por volta do século XII. Os escribas laicos que colaboravam com os monges foram, pouco a pouco, organizando ateliês e estúdios de trabalho. Redigiam documentos oficiais para o novo grupo social que surgira, a burguesia, e compunham livros.

Até aquele momento, a edição dos livros era comandada pela nobreza e pela Igreja. Obras de luxo, manuais de teologia, compunham a maior parte dessa produção. A partir desse século, começam a surgir os tratados de filosofia, de lógica, matemática ou astronomia.

Certos autores como Dante, na Itália, começam a redigir em língua materna, abraçando assim um grande público que não dominava o latim. Desta forma, pela primeira vez, a burguesia tem acesso à literatura e aos livros.

E o resultado desse encontro é uma grande paixão.

Os escritores se multiplicam. Surgem os livros de culinária, educação, medicina e também os romances.

Os primeiros livros do ocidente a desfrutar de um grande público são os romances de cavalaria contendo as maravilhosas histórias do Rei Arthur, de cavaleiros como Rolando, o furioso, ou a belíssima jornada amorosa de Tristão e Isolda. Surgem também os romances por encomenda.

Devido à grande demanda de trabalho, aumenta o número de alunos e estudiosos da arte da cópia, escrita e caligrafia. Nessa época, considerava-se que sete anos seriam necessários para a alfabetização e aprendizado da arte da caligrafia. Em cada atelier havia um mestre-artesão e seus aprendizes. Cada atelier guardava o segredo de suas técnicas e a preocupação com a autoria. O direito à patente de um estilo se torna cada vez mais premente.

Este desenvolvimento das edições manuscritas é acompanhado pela evolução dos caracteres. E o auge da utilização das letras góticas, pois esses caracteres permitiam uma melhor utilização do papel.

No século XV, na Itália, inventa-se um novo tipo de letra, mais econômica e redonda, que é alcunhada de letra "humanista". Ela marca, na verdade, a invenção da tipografia. E a época da Renascença testemunharia o nascimento da imprensa.

Em seus primórdios, a imprensa surge como um prolongamento da escrita manual. Na verdade, o impressor tentava apenas superar os escritores de manuscritos e realizar edições tão luxuosas quanto as obras caligrafadas. As páginas impressas continham uma grande margem para a decoração e ilustrações. A intenção era reproduzir o mais fielmente possível o aspecto do livro artisticamente manuscrito.

Fura tal, foram inventadas letras maiúsculas extremamente complexas e adornadas.

Nada indicava que a invenção de Guttenberg revolucionaria a forma de transmissão de conhecimento. O próprio autor da invenção morreu, no século XV, na mais total miséria. Mas antes de falecer, imprimiu a Bíblia Latina, no ano de 1450, sem saber que, ao fazê-lo, imprimia seu nome na história mundial. E que, daquele momento em diante, o ato de escrever estaria intimamente vinculado ao ato de imprimir.

Muitos séculos se passaram até que o livro, o professor e a sala de aula se transformassem em algo indispensável na vida da criança. Hoje, tornar esse fato evidente e aproximar as crianças dos livros e de seus autores é parte fundamental do trabalho que o professor realiza em sala de aula.

Para isso, poderá por exemplo, contar aos alunos o conteúdo desse texto e propor uma pesquisa mais aprofundada. Quem foi Guttenberg?

Qual a importância de sua invenção? O que é a tipografia? Como é feito um livro atualmente? Qual a importância da leitura para a aquisição de conhecimento?

Esta pesquisa poderá ser transcrita em textos acompanhados de desenhos ou fotos.

O professor pode pedir que os alunos escrevam dois tipos de textos: um, basicamente informativo, contendo todas as informações que os alunos forem capazes de colher a respeito do tema. Neste caso, ele estaria conduzindo um trabalho ancorado no gênero dissertativo.

Mas ele pode também concluir esse trabalho, pedindo uma redação de cunho pessoal na qual o aluno possa contar como vem se dando seu aprendizado da língua escrita, os primeiros livros que conheceu, etc. Neste caso, o professor estaria conduzindo um trabalho ancorado no gênero da crônica, a escrita que nasce do relato de uma experiência e opiniões próprias.

Essa pesquisa sobre a escrita pode ser "publicada", ou seja, datilografada pelo próprio professor e distribuída em cópias xerocadas para os outros alunos da escola. É importante que o professor corrija os erros ortográficos de seus alunos ao datilografar o trabalho, pois a socialização de um trabalho escrito exige esse rigor.

Assim, o professor estará não só trabalhando o conceito de socialização da escrita, como estará também introduzindo a questão da revisão como atividade indissociável ao ato de escrever.

Este trabalho poderá ser concluído com a criação de uma pequena biblioteca dentro da sala de aula, contendo os livros preferidos pelas crianças daquela classe. A catalogação dos livros segundo autores, editores, etc, introduziria noções básicas de biblioteconomia e, certamente, despertaria um vínculo afetivo mais profundo com o único amigo capaz de nos acompanhar durante uma vida inteira: o livro.

O TEXTO E A IMAGEM

Os textos com os quais as crianças se defrontam em seu percurso escolar são variados (contos, notícias, relatos, descrições, etc.) e podem estar impressos nos mais diversos suportes (jornais, panfletos, cartazes, papéis de carta, blocos de bilhetes, livros de história, enciclopédias, etc). Entre eles estão os livros didáticos, que chegam às salas de aula com o objetivo de contribuir para a organização do trabalho do professor nas diferentes disciplinas.

Os textos, que um livro contém, estão distribuídos de uma determinada forma nas diferentes páginas que o compõem, vêm acompanhados por ilustrações (desenhos ou fotografias), foram impressos em diferentes tipos de letras. Esses diferentes elementos que compõem a imagem do livro procuram contribuir para a leitura que o aluno realizará e, conseqüentemente, para a aprendizagem que dela resultará.

Quando lemos um texto impresso em um livro, o que é que lemos? As palavras? As palavras e as imagens que a acompanham? As palavras, as imagens e a forma como o texto está distribuído pelas páginas? Podemos ler apenas as imagens? Apenas o texto?

As crianças que aprendem a ler textos precisam também aprender a ler o universo icônico em que os textos estão envolvidos nos diferentes suportes em que podem acontecer. O professor precisa ajudar as crianças a se desenvolverem como leitores desse universo que apóia e amplia os significados traduzidos em língua escrita.

Quantas informações podemos extrair de uma fotografia? Quanto podemos saber a mais de um personagem quando vemos em seu retrato o tipo de roupa que veste, o lugar onde mora, etc?

As crianças podem aprender a ler as imagens e aprender com elas sobre muitas das coisas que as cercam.

AS RELAÇÕES ENTRE TEXTO E IMAGEM NA HISTÓRIA DA ESCRITA

No início era a imagem, pois antes que os homens fossem capazes de utilizar a palavra escrita, já desenhavam cenas de caçadas e animais nas cavernas pré-históricas. O gesto artístico, a arte figurativa acompanha o homem desde a aurora da humanidade.

A escrita nasce profundamente aliada à imagem. Em seus primórdios, a escrita era composta de desenhos: os pictogramas, como na escrita egípcia, e os ideogramas, como na escrita chinesa. Muitos séculos se passaram até que o homem desvinculasse a narrativa do desenho e a armazenasse em forma de livro. As crianças parecem seguir os mesmos passos.

Paul Zumthor, estudioso da evolução da escrita através dos tempos, nos conta que à medida que a escrita foi sendo socializada como instrumento do conhecimento humano, lentamente foi invadindo os desenhos dos brasões medievais, das imagens sacras e murais.

Os quadrinhos não são uma invenção moderna. Já na Idade Média, numerosos manuscritos inseriam "títulos", palavras escritas próximas à boca do personagem, como se estivessem travando um diálogo.

A diferença entre esse procedimento e nossos quadrinhos atuais é a ausência do texto do narrador pontuando a história.

Havia também os poemas-imagens, livros medievais em que o texto acompanhava uma série organizada de imagens.

Os professores podem observar que no início do processo de alfabetização, os alunos naturalmente apresentam uma tendência a manter o desenho como complemento da escrita. Podemos pensar que a criança apenas traça o mesmo percurso da humanidade ao tentar aliar sua produção gráfica (sobre a qual ela já exerce um certo domínio e com a

qual já tem relativa familiaridade) com a produção escrita, cuja natureza ela começa a desvendar.

Mas então por que as crianças, muitas vezes extremamente talentosas, deixam de desenhar?

Muitas vezes o bloqueio surge durante o processo de alfabetização, no momento em que a criança percebe que a língua escrita tem regras e uma maneira "certa" de ser registrada. Este conceito às vezes contamina o desenho e a criança passa a querer desenhar "certo".

Mas há realmente um desenho certo? Sim, há o texto certo assim como há o texto certo. Isto é, certo para o objetivo que seu autor lhe impõe.

Ou seja, se a função de um texto ou de um desenho for a de dar a instrução de como utilizar um objeto, é preciso que o desenho seja preciso e o texto muito claro.

Mas se o autor estiver interessado em descrever uma emoção, uma aventura fantástica, uma viagem onírica, o texto e a imagem podem caminhar por novas sendas, produzindo sensações únicas, e fugindo da obrigação de retratar "uma realidade".

O professor pode alimentar o desenvolvimento das relações de seus alunos, com esses temas, através de vários trabalhos de língua portuguesa, tendo imagens como base de apoio.

Pode, por exemplo, usar fotos e pedir que os alunos inventem biografias para imagens de pessoas desconhecidas; usar ilustrações ou quadros figurativos com personagens e pedir para que os alunos descrevam aquele momento ou imaginem o que essas figuras sentiam; pode também propor que os alunos iniciem uma história através de um desenho para depois passarem a escrevê-la.

Há alunos naturalmente visuais e outros que preferem a escrita como meio de expressão. Seria interessante montar projetos em que os alunos possam formar duplas nas quais um escreve e o outro desenha, como acontece profissionalmente no mundo dos livros.

Os livros didáticos que os professores usam em classe podem também ser utilizados como material para propostas de trabalho.

O professor pode propor, por exemplo, que os alunos leiam as imagens de um determinado trecho ou capítulo de um livro e digam tudo que podem aprender com elas mesmo antes de ler o texto escrito. Os alunos devem anotar em seus cadernos tudo que "as imagens estão contando".

Depois eles podem ler o texto e dizer o que há de informação no texto que as imagens não revelam e o que há de informação nas imagens que complementam o texto.

Esse tipo de atividade pode ser feito com diferentes livros, envolvendo diferentes conteúdos escolares: História, Geografia, Ciências.

O professor pode propiciar o feliz casamento entre texto e imagem, trabalhando com ambos em sala de aula. E quanto mais oportunidades as crianças tiverem de extrair significados de imagens variadas, internas ou não aos livros que utilizam para as atividades escolares, mais autonomia ganharão em sua relação com as diferentes fontes de informação que a cultura impressa lhes oferece. Assim, poderão aproveitar o espaço de aprendizagem que lhes é oferecido pelos livros.

TUDO O QUE PODEMOS LER EM UM LIVRO

Quando as crianças passam a conviver no espaço escolar, aprendem muitas coisas. De algumas, já ouviram falar muito antes de entrarem na escola; outras, vão conhecer ao freqüentar as aulas, através das tarefas escolares planejadas e organizadas pelo professor.

São muitos e variados os conteúdos com os quais a criança se defronta no dia a dia da escola e são muitas as formas que encontra para se relacionar com eles. A forma mais usual na didática das disciplinas escolares é o uso de livros para apoiar as atividades planejadas pelo professor. Os livros didáticos e paradidáticos funcionam como suporte para a estruturação das atividades de classe. Mas há também revistas, jornais, dicionários e enciclopédias, se tomamos apenas os meios impressos.

O processo de alfabetização, um dos eixos principais da escolaridade básica, se inicia logo nas primeiras classes; é necessário que as crianças aprendam a ler com competência logo que possível, para que possam utilizar adequadamente os textos escritos como instrumentos de apoio às situações de aprendizagem.

Mas quando falamos em **aprender a ler os livros** utilizados para o trabalho em sala de aula, de que leitura estamos falando? A resposta mais usual seria: **da leitura do texto escrito.**

No entanto, quando abrimos os livros que chegam às salas de aula, quando olhamos as revistas de divulgação científica que os alunos podem utilizar para realizar pesquisas, vemos que eles são portadores de muito mais que apenas textos escritos. Vemos desenhos, fotografias, diagramas, tabelas, páginas impressas com tipos e tamanhos diversos de letras, cores variadas, o que nos indica que as crianças precisam aprender a ler esses outros portadores de significados. Ou seja, é preciso alfabetizar as crianças para o universo visual.

ALFABETIZAÇÃO VISUAL

Não é difícil detectar a tendência à informação visual no comportamento humano. Ver é uma experiência direta. Expandir nossa capacidade de ver significa expandir nossa capacidade de entender uma mensagem visual. A visão envolve algo mais do que o mero fato de ver ou de que algo nos seja mostrado. É parte integrante do processo de comunicação; envolve perceber, compreender, contemplar, observar, descobrir, reconhecer, visualizar, examinar, ler, olhar. O que vemos é uma parte fundamental do que sabemos e o alfabetismo visual pode nos ajudar a ver o que vemos e a saber o que sabemos.

Para estar alfabetizado verbalmente é preciso aprender os componentes básicos da linguagem escrita. Estando alfabetizados, compartilhamos com um grupo o significado atribuído a um corpo comum de informações. Estar visualmente alfabetizado significa ter aprendido, compreender e saber utilizar mensagens visuais nas diferentes circunstâncias que a vida nos coloca.

Alfabetizar visualmente é instruir os alunos, aperfeiçoando ao máximo sua capacidade, não só de criadores, mas também de receptores de mensagens visuais.

Como o professor pode contribuir para a alfabetização visual de seus alunos no contexto das atividades que precisa realizar com os conteúdos escolares?

Vejamos alguns exemplos:

Nas primeiras séries, quando as crianças estão aprendendo as regras básicas de construção da imagem dos textos escritos, é interessante chamar sua atenção para a questão das letras maiúsculas e minúsculas.

Qual a diferença entre ambas?

Embora muitas vezes passe despercebida, a utilização das letras em tamanho minúsculo e/ou maiúsculo contém em si um significado, estabelecendo um código com sutilezas que levam um determinado

tempo para serem compreendidas pela criança. Daí talvez seus "esquecimentos" em utilizar a maiúscula no início das frases, em nomes, etc.

O professor pode contribuir para a construção desse código de diferentes maneiras.

Pode, por exemplo, em conversa com os alunos, contar que desde a Grécia antiga se estabelecia uma distinção para o uso de letras maiúsculas e minúsculas.

O alfabeto grego, existente desde o século V a.C. continha vinte e quatro signos ou letras, dezessete consoantes e sete vogais, e podia ser escrito em letras maiúsculas ou minúsculas. As letras maiúsculas eram utilizadas para gravar sobre pedras, ao passo que as minúsculas eram usadas para escrever sobre o papiro.

A seguir, o professor pode conduzir a conversa, pedindo aos alunos que digam em que situações eles pensam que devem ser utilizadas uma ou outra forma. Podem listar as opiniões das crianças, pedindo a elas que justifiquem seu ponto de vista, comparando-os, etc.

Nesse momento, é importante que o professor não diga se uma outra opinião está certa ou errada, mas que possibilite às crianças pensarem sobre a questão. No próprio processo de aprendizagem da escrita, em outras atividades relacionadas à imagem dos textos, os alunos confirmarão ou não suas hipóteses; é importante que as crianças possam pensar, duvidar, confirmar idéias, mudar de opinião, etc, durante o processo de aprendizagem escolar.

Outra possibilidade é pedir aos alunos que conduzam uma pesquisa sobre o uso desses recursos gráficos em diferentes suportes.

Que tipo de letra é mais usado pelas propagandas?

Que tipo de letra é mais usado para receitas de remédios, instruções de jogos, embalagens de alimentos, etc.

A medida que a criança caminha em seu processo de formação como

leitor e escritor, **outras possibilidades** de trabalho se colocam. Como por exemplo, sugerir aos alunos que escolham uma de suas histórias favoritas para editar um livro de apenas um exemplar. Essa atividade poderá ser feita individualmente ou em duplas.

As crianças terão que:

- escrever o texto em letra manuscrita, copiando-o do livro impresso;
- estabelecer o tamanho e formato da página, o tipo de papel que usarão, o papel que usarão para confeccionar a capa;
- escolher o local e o tipo de ilustração que acompanhará o texto;
- decidir sobre as informações que colocarão na capa, se numerarão as páginas, etc.

É importante que não se use o computador ou a máquina de escrever nesse momento, pois o desafio é trabalhar a cópia, a caligrafia como uma forma de arte. O professor pode enriquecer esse trabalho fornecendo aos alunos fontes de letras, e chamando atenção para a importância do capricho e da organização do espaço (que deverá conter manuscritos e ilustrações nas mesmas páginas).

Quanto mais bem cuidado o livro, melhor. Pode-se utilizar vários tipos de papel, fitas, colagens, nesse processo que tratará o livro como objeto de arte e cujo final poderá ser uma exposição dos trabalhos para os colegas e/ou pais.

LIVROS DIDÁTICOS ONTEM E HOJE

Na história da educação escolar os professores têm sido vistos de formas diferentes: como **sábios** que transmitiam para as novas gerações os saberes acumulados, como **técnicos** na "aplicação" de procedimentos de ensino, como **mediadores** de conhecimentos culturais em situações de aprendizagem. Também a cada época, de acordo com a forma como tem sido entendido o processo de aprendizagem, as escolas definiram, criaram, modificaram e utilizaram diferentes *materiais didáticos*.

Entre eles, os livros sempre estiveram presentes como ferramentas fundamentais para o processo de aprendizagem.

OS LIVROS DIDÁTICOS NO BRASIL

As cartilhas portuguesas marcam o início da literatura didática em nosso idioma.

Por volta do sec. XV, Portugal fazia uso nas escolas de "cartinhas", que posteriormente foram denominadas cartilhas. Eram pequenos livros que reuniam o abecedário, o silabário e rudimentos de catecismo. Há notícias de que remessas desses livros escolares eram enviadas para as colônias para que nelas se ensinasse a ler e escrever.

A *Cartinha de Aprender a Ler* é um dos mais antigos materiais utilizados para ensinar o idioma português. Seu autor se chamava João de Barros e ela foi impressa em 1539, em Lisboa. Acredita-se que foi usada no Brasil no ensino das primeiras letras e de religião. Além da de João de Barros, há notícias de uma cartinha elaborada por Frei João Soares, impressa em 1539 e reeditada várias vezes.

Os jesuítas vieram para o Brasil com Tomé de Sousa (1549) e abriram na Bahia a primeira escola de leitura, escrita e religião. O ensino inicial da leitura era associado à religião, pois havia uma grande preocupação com a conversão religiosa das crianças, principalmente os pequenos colônias.

Até o final do século XIX havia muitas queixas de falta de livros e materiais didáticos nas províncias. Frente a essa limitação e necessidades de material para ensinar a ler e escrever a seus alunos, os próprios professores elaboravam textos manuscritos e utilizavam-se de cartas, ofícios e documentos de cartório como material de aprendizagem de leitura e escrita. Faziam ABCs manuscritos em folhas de papel, que eram manuseadas com "pega-mão" para não sujar.

Como podemos ver, enfrentar dificuldades relativas ao material de trabalho em sala de aula, criar seus próprios instrumentos de trabalho em classe, encontrar formas de criar condições de aprendizagem para os alunos, faz parte da história do cotidiano dos professores de primeiras letras já há muitos anos.

OS LIVROS DIDÁTICOS nosso século, junto ao considerável aumento do número de publicações voltadas ao atendimento das necessidades de formação das novas gerações, surgiu uma literatura dirigida diretamente à sala de aula: os **Livros Didáticos**. E nossa prática didática das últimas décadas foi profundamente marcada pelo uso desses livros.

São chamados de **Livros Didáticos**, publicações dirigidas tanto aos professores quanto aos alunos, que não apenas organizam os conteúdos a serem ensinados, como também indicam a forma como o professor deve planejar suas aulas e tratar os conteúdos com seus alunos.

Alguns livros didáticos levam em consideração os processos de aprendizagem vividos pelos alunos, outros apenas oferecem diretrizes para a prática de ensino do professor.

As cartilhas, por exemplo, trazem congelados os procedimentos que o professor deve adotar em sala de aula. Concretizam o modelo idealizado pelas metodologias tradicionais, tornando o ensino uniforme, cumulativo e homogêneo. São instrumentos de ensino, de orientação para o professor e não um suporte para a aprendizagem do aluno.

Para ser didático, um livro não precisa necessariamente ser escrito com

o objetivo único de ser utilizado por professores e alunos em sala de aula. Podem ser considerados didáticos todos os livros que:

- * **motivam a relação do aluno com o conteúdo escolar**, como por exemplo, os livros de literatura que trazem textos de qualidade e beleza que podem conquistar os alunos para o universo da língua escrita;
- * **apoiam a autonomia do aprendiz**, como são os dicionários e enciclopédias, as coleções infantis de ciências naturais, Geografia ou História fartamente ilustradas que oferecem um amplo espectro de informações a serem relacionadas pelas crianças;
- * **colaboram para a organização de situações de ensino-aprendizagem**, como são as publicações que trazem indicações de tipos de situações que podem ser úteis para a aprendizagem dos conteúdos que englobam;
- * **criam condições para a diversificação e ampliação das informações que veiculam**, como fazem as publicações que incluem glossários, indicações de outros livros e outros tipos de fontes de informação sobre os mesmos conteúdos ou conteúdos afins.

Essas características podem ser identificadas em diferentes livros, inclusive naqueles definidos editorialmente como *didáticos*. São por isso bons índices para avaliação dos livros com os quais os alunos deverão conviver durante cada ano letivo.

Antes de escolher os livros para o trabalho em sala de aula, o professor deve portanto, procurar conhecê-los: saber de suas qualidades, através de uma análise comparativa de seus conteúdos frente aos objetivos e à programação que desenvolverá com os alunos durante o ano; saber quem são os escritores dos textos publicados, bem como de onde foram retiradas as imagens que porventura os compõem.

Escolhidos os livros, é importante que o professor destaque essas informações para seus alunos. Através desse trabalho, as crianças

podem aprender porque é importante que assinem suas composições e outros trabalhos escritos, feitos em grupo ou individualmente, e o professor pode instruí-las sobre as formas de se catalogar livros, chamando atenção para seus respectivos autores, ilustradores, editoras e edições.

É importante lembrar, no entanto, que a não existência de Livros Didáticos nunca foi um impedimento para a realização de um trabalho de qualidade em sala de aula. Em outras palavras, a existência de Livros Didáticos não é condição indispensável para o trabalho do professor.

Se o professor puder contar com um material de qualidade que apoie seu trabalho e dê suporte às situações de aprendizagem, ótimo. Se não, deve produzir, criar seu material de trabalho. Pode, por exemplo, criar com seus alunos um material diversificado que envolva *livros de diferentes tipos* (literários, informativos, de divulgação científica), *periódicos* (revistas, jornais), *documentos manuscritos* (cartas, listas de compras, bilhetes, etc.) coletados na comunidade de pais e professores, panfletos publicitários, etc.

Se puder desenvolver instrumentos para avaliar a qualidade e utilidade dos *livros* que utiliza, tendo um olhar cuidadoso sobre seus limites e condições de expansão, o professor poderá ter mais autonomia em relação ao *material didático* que frequentemente já recebe pronto.

O TEXTO NARRATIVO

Em diferentes atividades escolares, os alunos se defrontam com **textos narrativos**. Isso se dá em atividades que envolvem o aprendizado de conteúdos de literatura, ou em leituras relacionadas à aprendizagem de outros conteúdos.

A competência que os alunos constróem para lidar com esses textos, para se relacionar com seus significados, decorre das oportunidades que encontrem de realizar atividades em que sejam convidados a **ler** e **produzir** textos narrativos.

É comum os alunos pensarem que o talento para a escrita é privilégio de uma poucos eleitos, o que muitas vezes diminui seu empenho em aprender a escrever.

A idéia da inspiração, tão valorizada na época do romantismo, pode inibir a criação em classe. Sempre tem-se a desculpa de "falta de idéias", ou aquele: "não tive nenhuma inspiração", como se idéias tivessem vontade própria e escolhessem os autores que as deveriam aguardar passivamente.

Ora, a escrita, como qualquer outra habilidade, é também fruto de um processo de aprendizado.

Para se andar de bicicleta, montar a cavalo, tocar piano ou violão, é necessário um período de prática e treino. Até que a criança conquiste o prazer de deslizar sobre duas rodas, acertar uma cesta ou fazer um belo gol, é necessário aprender como se faz, é preciso conhecer as regras do jogo. O mesmo se dá com a escrita.

O professor deve ter em mente que é preciso conquistar o prazer da leitura, o prazer da escrita e que isso é fruto de um processo que deve ser extremamente enriquecedor.

Segundo os estudiosos do processo de criação artística, a idéia original, a famosa inspiração, é apenas um momento do ato criativo. Todos

temos inspirações a respeito de muitas coisas durante vários instantes de um mesmo dia. Inspiração para inventar uma forma nova de cozinhar um alimento, de arrumar a casa, de lidar com as emoções de um amigo, etc.

O escritor é aquele que se permite escrever. Escreve porque gosta de fazê-lo, escreve para ser lido, escreve apenas para brincar com as palavras, para exercitar-se, escreve para registrar uma idéia ou sentimento.

Esta disposição para a escritura nasce de uma disciplina como em qualquer forma de arte. Quem toca um instrumento musical passa horas praticando sua arte. Quem é bom esportista despende boa parte do dia em treinamento. Por que haveria de ser diferente com a escrita?

A narrativa poética, humorística, de suspense ou maravilhosa nasce de um processo. Um processo que está ao alcance da criança e que, em sala de aula, pode transformar-se num jogo estimulante e divertido.

O professor deve estar ciente de que a narrativa é um jogo, com seus códigos, regras e surpresas. Cada gênero literário tem características próprias que podem ser exploradas tanto do ponto de vista semântico, estudando-se seus significados, quanto do lado gramatical propriamente dito. Cada gênero literário nos oferece uma nova "brincadeira", nos conduz a viagens por paisagens diferentes.

A expressão *Era uma vez...* imediatamente nos leva a um reino de magia, a uma paisagem na qual um sapo pode se transformar num príncipe, uma varinha pode ter poderes extraordinários, e na qual o confronto entre o bem e o mal, personalizado nas figuras das fadas, magos e bruxas, conduz a conflitos espetaculares.

Era uma vez... Num reino muito distante... Há muitos e muitos séculos atrás... Havia um castelo... Estas expressões nos inserem num mundo onde não existem marcas específicas de tempo ou espaço. Ou seja, ao trabalharmos dentro do gênero contos de fadas estamos numa terra fantástica onde quase tudo pode acontecer - o mundo dos sonhos.

A criança de primeiro grau já conhece um número considerável de histórias: clássicos da literatura infantil, lendas regionais, etc. O trabalho de aproximação e construção de conhecimentos sobre o Texto Narrativo tem então terreno fértil para se desenvolver.

Mas como esse trabalho pode ser realizado? Escrevendo histórias que conhece de memória, por exemplo.

Quando a criança passa para o papel um conto que sabe contar muito bem, enfrenta de fato uma tarefa bastante desafiadora. O processo de tradução de sua voz em escrita implica o uso da pontuação, o emprego do parágrafo, a conquista da fluência e coesão textual.

Mas, ao propor esse trabalho, o professor precisa lembrar-se de que "quem conta um conto aumenta um ponto". Ao passar sua história para outra linguagem que não a oral, a criança naturalmente será levada a inserir modificações em sua história.

Geralmente, nesses primeiros trabalhos, nos deparamos com dois tipos de atitudes bastante comuns: a criança que, diante do desafio, encolhe sua história e a resume (para acabar logo com o problema), e a criança que se entusiasma com o trabalho e não consegue mais terminá-lo. Acontece também da criança tecer uma trama com tantos detalhes que não consegue desenrolá-los e termina uma longa narrativa abruptamente, como se fosse uma autora de novela de televisão.

O professor deve permitir que o aluno exercite seu ofício de escritor, oferecendo-lhe a possibilidade de enveredar por diversos caminhos até alcançar um texto final. Deve propor desafios cada vez maiores a seus alunos para que trabalhem a narrativa, liberando a fluência e a criatividade, *fazendo arte*.

Fazer arte significa ir além dos limites, infringir uma regra, mas fazê-lo de forma lúdica e criativa.

Que regras uma criança pode quebrar ao jogar com a literatura?

A regra que bem desejar.

Para isso o professor pode convidar seus alunos a, por exemplo:

- Continuar uma narrativa que se inicie com a expressão **Era uma vez...**
- Pode desafiá-los a compor uma história a partir de elementos combinatórios tais como:

*uma princesa/ uma bruxa/ um castelo um rei/
três príncipes/ uma missão uma rainha/ um
bebê/ uma fada madrinha uma princesa/
uma caverna/ um dragão*

- Pode pedir que inventem a mais temível bruxa que puderem imaginar tendo o cuidado de pensar em sua origem, poderes e pontos vulneráveis. Em seguida, pode prosseguir o jogo literário pedindo aos alunos que criem um antagonista para essa bruxa. Talvez um príncipe, talvez um mago, ou ainda uma corajosa camponesa.
- Por fim, podem desafiar os alunos a criar uma aventura na qual os personagens se confrontem.

Mas se os alunos desejarem infringir as convenções desse tipo de narrativa e, por exemplo, transportar seus personagens para o universo urbano ou até mesmo para outro planeta, o professor deve permitir que **façam essa arte**. Afinal, a literatura fantástica e até mesmo as histórias de quadrinhos como Batman e super-heróis nascem de uma transposição do conto de fadas para o tempo moderno.

Enfim, as estratégias para desenvolver o jogo literário são apenas portas de entrada ao mundo infinito da imaginação. Vias de acesso ao sonho, canais e pontes que conduzem ao famoso *mar de histórias* da tradição árabe - o manancial de contos, casos e aventuras que as crianças naturalmente guardam dentro de si.

Quanto mais as crianças tiverem a oportunidade de mergulhar nessas águas e navegar por esses mares, mais conhecerão sobre as formas como podem ser tecidos os textos narrativos, avançando a passos largos em sua formação como leitores.

AMPLIANDO OS LIMITES DOS LIVROS DIDÁTICOS E DA SALA DE AULA

Entre seus familiares, ou em instituições escolares, as crianças e os jovens sempre encontram adultos, educadores, inventando maneiras para que as aprendizagens necessárias ao processo educativo ocorram.

Todos os recursos que um educador cria, ou tem ao seu alcance e utiliza para que sua tarefa tenha êxito, tudo do que lança mão para que as crianças sejam educadas na cultura vigente e para suas inovações e transformação contínua, são *instrumentos* para a aprendizagem.

O que é, hoje, considerado como material didático no trabalho do professor?

Muitas pessoas não hesitariam em responder que material didático são os livros, os cadernos, os instrumentos para escrever (lápis, papel, caneta, borracha), régua, esquadro e compasso, etc, isto é, tudo que, dentro da sala de aula, contribui para que os professores possam ensinar e para que os alunos possam aprender.

E não estariam equivocados. Só que, o universo de materiais didáticos que o professor pode lançar mão é muito mais amplo e, definitivamente, não se restringe àqueles com os quais alunos e professores podem conviver diariamente dentro das salas de aula.

Podemos considerar como **material didático** tudo o que, no trabalho escolar:

- apóia a relação dos alunos com os conteúdos de aprendizagem;
- apóia a construção da autonomia do aluno para a construção de conhecimentos;
- contribui para o desenvolvimento das relações de ensino-apren-

dizagem entre professores e alunos;

- ajuda a organizar situações de ensino-aprendizagem;
- contribui para a diversificação do universo de fontes de informação;
- contextualiza socialmente o conteúdo escolar;
- dá sentido e significado ao conteúdo de aprendizagem.

Essas qualidades podem ser identificadas em uma quantidade incalculável de objetos e eventos com que professores e alunos convivem, o que contribui para que haja diversos caminhos e uma grande diversidade de materiais possíveis de serem utilizados no trabalho que os professores desenvolvem com os conteúdos escolares.

Cabe ao professor escolher, a partir das necessidades emergentes no trabalho em sala de aula, aqueles que serão mais úteis ao processo vivido por seus alunos.

Alguns exemplos

No trabalho com os conteúdos de Matemática, é possível a utilização de materiais e encaminhamentos pouco usuais, mas que apoiam as relações das crianças com esses conteúdos, dando sentido e significado às situações de aprendizagem matemática e ao mesmo tempo Contextualizando socialmente esse conteúdo escolar.

Utilizando jogos de mesa (com dados, dominós e baralhos) e jogos de quintal, o professor pode criar excelentes situações de aprendizagem envolvendo operações aritméticas (soma, subtração, multiplicação e divisão). Um trabalho desse tipo pode ser iniciado, por exemplo, com uma pesquisa sobre jogos de mesa e de quintal integrados à vida comunitária.

Organizando atividades de compra e venda, além de educar os alunos para o uso adequado da moeda nacional (**Real**), o professor pode criar ótimas oportunidades de introduzir as crianças em situações que envolvem a compreensão do sistema decimal e criará situações signi-

ficativas para que os alunos realizem somas, subtrações, multiplicações e divisões. Além disso poderá trabalhar com noções de mercado: caro, barato, desconto, promoção, troco, dívida, poupança, prestação (que envolve a noção de frações de uma unidade).

Trabalhando com aspectos da economia no cotidiano poderá desenvolver também encaminhamentos que contribuam para a educação do consumidor. Associado a essas atividades, pode haver uma pesquisa sobre a economia regional (agricultura, comércio e indústria), o que caracteriza o caráter multidisciplinar dos processos de aprendizagem.

No trabalho com os conteúdos relacionados às unidades de medida, o professor pode utilizar diferentes instrumentos de medida, (velocímetro, relógio, calendário, balança, régua, etc.) incorporados à vida cotidiana das comunidades. Pode relacioná-las às profissões: os instrumentos de medida dos engenheiros (régua, esquadros, etc), das costureiras (fita métrica, etc), dos músicos (metrônomo), do pescador (pés, nós, etc), do lavrador (légua, alqueire, etc), das cozinheiras (colher, xícara, pitada, punhado, o quilo, o litro e suas divisões), Pode ser associado a esse trabalho a aprendizagem da leitura de contas de luz e água, por exemplo.

Agora vejamos alguns exemplos relacionados aos conteúdos de História e Geografia.

A cidade com sua história, suas edificações, praças e monumentos, seus locais históricos, sua festas, amplia o espaço de educação escolar quando aprendemos a reconhecer todas as situações de aprendizagem que ela favorece.

Organizando atividades de visita a locais da cidade onde vive, o professor poderá criar excelentes situações de aprendizagem de conhecimento geométrico, propondo a seus alunos atividades de representação dos espaços percorridos.

Essas atividades podem envolver: a descrição oral do espaço visitado, a descrição oral do espaço desenhado ou fotografado; a criação de representações (mapas, plantas, maquetes) coletivas de espaços públi-

cos; a esquematização das informações e a criação de legendas que apoiem a leitura dessas representações.

Um trabalho desse tipo acompanha e complementa atividades de leitura e interpretação das representações cartográficas, usuais nas salas de aula. E pode incluir um trabalho com representações de espaços existentes em nossa cultura que as crianças conhecem em situações extra escolares: as plantas arquitetônicas que vêm nas promoções de vendas de imóveis publicadas em panfletos de rua, stands imobiliários e periódicos, ou os moldes das costureiras da comunidade.

As atividades com conteúdos históricos ganham em qualidade e significação quando saem das páginas dos livros e se objetivam em situações relacionadas à vida das crianças e de seus familiares.

O professor pode trabalhar nesse sentido, propondo e organizando com as crianças atividades de pesquisa sobre a história das festas populares (religiosas e da cultura) e dos prédios e equipamentos urbanos; sobre a história de suas famílias e o significado do nome das ruas e praças por onde passeiam.

Poderá também nessa abordagem levar para a sala de aula um pouco da memória fotográfica, cinematográfica e literária do lugar onde vivem.

Essas pesquisas se tornam altamente significativas para a vida escolar das crianças, quando são produzidos pelos alunos, textos que se transformam em livros que passam a integrar a biblioteca da classe ou da escola. Um encaminhamento desse tipo, além de colocar os alunos em uma situação altamente significativa, no processo de aprendizagem da língua escrita, também contribui para evidenciar o caráter multidisciplinar dos processos de aprendizagem.

Por fim, não podemos deixar de considerar o Rádio e a Televisão e seus sistemas de reprodução, como ferramentas fundamentais, tanto de apoio ao trabalho do professor dentro da sala de aula, como enquanto fontes de informação diária presentes no espaço familiar, que podem complementar em muitos aspectos o trabalho realizado pelo professor.

TRABALHANDO COM TEXTO INFORMATIVO. O JORNAL

Na escola as crianças encontram um espaço programado para aprender a fazer diferentes leituras do mundo, a ler diferentes tipos de texto portadores de diferentes conteúdos. Textos que chegam à sala de aula através dos livros didáticos e dos outros livros e publicações impressas, que apoiam e contribuem para o trabalho dos professores e para a aprendizagem dos alunos.

Nesses livros, de acordo com seu conteúdo, os textos se organizam de forma diferente. Vejamos alguns exemplos.

Os livros de ciências para crianças geralmente envolvem descrições de elementos da natureza e experiências que podem ser realizadas para verificar alguns fenômenos físicos ou químicos. Para que um aluno consiga reproduzir uma experiência científica em sala de aula, deve seguir os passos indicados no texto *literalmente*, caso contrário, não chegará aos mesmos resultados.

Nos textos dos livros de ciências, a escrita privilegia a função referencial, uma das várias funções da Linguagem: a de informar sem apontar para interpretações subjetivas.

Já os livros de História fazem narrações de fatos ocorridos em diferentes partes do mundo com diferentes povos, em diversas épocas. Procuram dar uma explicação para esses acontecimentos e, algumas vezes, indicam caminhos para os alunos procurarem saber mais sobre os assuntos que envolvem.

Quando os textos desses livros iniciam uma análise dos fatos descritos, o autor estará usando outra função da linguagem, estará iniciando um texto dissertativo, isto é, uma forma de escrever que transmite basicamente a opinião de um escritor a respeito de um determinado tema.

Na maior parte dos livros de história, as funções da linguagem não estão nitidamente separadas, porque a própria escolha dos fatos a serem descritos com ênfase já determina, de forma sutil, a opinião do autor do texto.

Os livros didáticos de matemática descrevem operações, colocam questões a serem resolvidas, indicam resultados a serem alcançados. São textos mais indicativos, nos quais se utiliza com frequência o verbo no tempo imperativo; um discurso que aponta caminhos e sugere procedimentos. Esses livros, além do texto escrito em forma de discurso, também contêm diagramas, imagens, tabelas, algoritmos de diferentes operações.

Os livros dedicados ao ensino da língua escrita trazem diversos textos que procuram contribuir para que o aluno aprenda sobre a língua portuguesa, sua gramática, sua literatura. No caso das antologias, o leitor pode se ver diante de vários registros e discursos. Poemas, trechos de contos, notícias de jornal, podem vir ao lado de explicações gramaticais acompanhadas de sugestões para exercícios. Por isso é importante que o livro de língua portuguesa tenha um fio condutor nitidamente explicitado, para que seus leitores possam dar conta de toda a diversidade de textos com os quais entram em contato.

Com isso queremos deixar claro que os alunos precisam saber ler diferentes tipos de texto nas diferentes tarefas que a vida escolar lhes coloca. Cabe ao professor criar diferentes situações de aprendizagem onde seus alunos aprendam a lidar com eles. Aprender a lidar com eles não porque têm que realizar as tarefas escolares, mas por que a realização dessas tarefas prepara as crianças para viver plenamente a cultura em que nasceram.

Quando avaliamos o material didático impresso (livros, revistas, etc.) com os quais a criança se defronta em seus anos de escolaridade, verificamos que é grande o volume de textos informativos com qual tem que trabalhar. Assim, aprender a trabalhar com textos informativos é fundamental para a vida escolar.

Esse trabalho planejado pelo professor e realizado pelos alunos ganha em qualidade e diversidade quando pode incorporar textos publicados pelos jornais diários.

O JORNAL NA SALA DE AULA

O jornal, como instrumento de transmissão de informações e conhecimentos, deve ser uma presença constante na vida escolar. O ideal seria que todas as escolas assinassem dois ou mais jornais e os colocassem à disposição dos alunos na biblioteca.

Há inúmeras maneiras de interagir com o jornal na sala de aula. Vamos dar alguns exemplos, mas é importante que o professor, como leitor de jornais que deve ser, encontre outras tantas formas de criar futuros leitores competentes de jornais, enquanto ajuda seus alunos a aprenderem a ler e escrever textos informativos.

O professor pode comentar com sua classe uma notícia de última mão, como por exemplo, um cataclisma natural.

Muitas vezes as crianças são expostas a cenas trágicas de um desastre através do noticiário da televisão. Mas há muitas coisas que a tevê não é capaz de mostrar devido à própria natureza fragmentada da linguagem dos jornais televisivos.

Trazendo o jornal à sala de aula, ou pedindo que os alunos façam uma leitura em biblioteca, eles poderão descobrir porque esse desastre aconteceu (se houve a erupção de um vulcão, um terremoto, etc.) e o que são esses desastres naturais. Os bons jornais costumam conter um quadro de informações anexados à notícia explicando as causas naturais desses fenômenos.

As crianças podem ler uma entrevista feita 'in loco' com um sobrevivente e ter, portanto, uma dimensão humana dos fatos. Podem também ler um comentário feito por um dos articulistas do jornal expressando seus sentimentos e idéias a respeito de um acontecimento deste porte, descobrir que providências estão sendo tomadas para auxiliar as pessoas atingidas pelo desastre, e outros.

Ao fazer leitura de um fato como este, infelizmente muito comum até hoje, a criança estaria tendo contato com diversos tipos de texto, tais como a informação veiculada por escrito, a entrevista, a explicação científica, e o comentário de teor subjetivo e pessoal.

Porém, talvez a melhor maneira de se ler um jornal seja ter em mente a possibilidade de redigir um texto jornalístico. Todo escritor é um leitor privilegiado e atento às minúcias de uma passagem escrita.

Os professores podem criar condições para que se forme uma pequena redação mirim na escola, relatando não só os fatos ocorridos nas classes e salas de aula, como também os principais acontecimentos da semana ou mês, caso a publicação seja mensal, do mundo todo.

Para desenvolver um trabalho dessa natureza, é muito importante enfatizar a forma de veicular as informações e os códigos jornalísticos que os homens levaram tantos anos para criar.

Informações que parecem corriqueiras, como o fato de que palavras citadas, o conteúdo de uma entrevista, devem estar escritos entre aspas ou introduzidos por um travessão, são essenciais para o ofício de um jornalista sério e nem sempre são claramente decifrados pela criança.

A necessidade de introduzir as fontes das notícias, caso tenham sido colhidas de outros jornais, os cadernos e assuntos, os títulos e sua diagramação constituem uma série de normas de um meio de comunicações específico, no qual cada detalhe tem seu valor e importância.

Por fim, não podemos esquecer que um trabalho desenvolvido a partir da leitura de jornais pode ajudar a criança a perceber a complicada trama da existência e as diversas nuances da percepção e da verdade, a medida em que, no decorrer de seu processo de escolarização, passa a perceber que existem mais pontos de vista do que o dela mesma.

O GESTO, A VOZ E A PALAVRA ESCRITA

Quando chegam à escola, as crianças já desenvolveram sua competência de falantes para realizar muitas ações verbais, com certa autonomia. São, por exemplo, capazes de adequar-se às mudanças da audiência: desde pequenas, se dirigem de maneira diferente a um adulto e a outras crianças. São também capazes de produzir e reconhecer diferentes organizações discursivas: sabem da diferença entre o relato de um conto e a descrição de uma casa. Durante os primeiros anos de escolaridade, irão progressivamente se alfabetizando, isto é, aprendendo sobre o sistema que representa a língua que já falam: aprendendo a ler e a escrever.

Na escola em diferentes situações comunicativas, se defrontam com a necessidade de lidar com diversos gêneros de discursos. Precisam, por exemplo, conversar com colegas no desenvolvimento de diferentes atividades, construir frases interrogativas para formular questões, descrever objetos, narrar fatos, expor idéias. E, embora já possam conversar, dialogar com colegas e o professor, ainda não sabem como registrar, em língua escrita, aquele mesmo diálogo. Podem também entrevistar um colega sobre um acontecimento vivido por ele, mas não sabem como registrar essa entrevista para publicá-la na classe, por exemplo; sabem ler um texto de história, reproduzi-lo oralmente, mas não sabem como registrar história inventada, de forma que a imagem do texto escrito contribua para que o leitor leia, entenda e interprete o texto com autonomia.

Falta-lhes ainda muitas **informações ortográficas**.

A ortografia é um código que deve ser dominado, da mesma forma que aprendemos a atravessar a rua quando o semáforo acena com a luz verde; somos obrigados a escrever de uma determinada forma para termos nosso texto compreendido por todos.

O conhecimento da ortografia da língua escrita, que representa a língua que falamos, é fundamental, tanto para quem quer escrever e ser entendido plenamente, quanto para quem quer ler e entender plenamente as idéias do autor de um texto.

Interpretar e saber usar as regras ortográficas de uma língua escrita é fundamental para participar plenamente do mundo letrado.

Cabe aos professores criar situações de aprendizagem, nas quais os alunos aprendam sobre a ortografia da língua escrita que lêem nos textos que chegam à sala de aula e que precisam escrever nas mais diversas atividades escolares.

Há diferentes maneiras de se realizar esse trabalho. Uma delas envolve o Teatro.

BREVE HISTÓRIA DO TEATRO

Na Antiga China, a representação teatral tinha como função purificar um lugar assombrado por maus espíritos. Mímica, ópera e acrobacias encenavam histórias já bem conhecidas pela platéia, que não vinha ao teatro para ver uma novidade, mas sim para admirar a perfeição de uma encenação ou conferir o extraordinário talento de uma trupe de atores.

No ancestral Japão, uma lenda contava a origem do teatro: a jovem Amaterasu, deusa do Sol, havia se escondido no fundo de uma gruta, privando o mundo do calor da luz. Os outros deuses encenaram um espetáculo na entrada da gruta para fazê-la sair e devolver ao mundo sua luz natural.

Na Antiga Grécia, a função do teatro era a de provocar a catarse, isto é, acalmar as multidões que vivenciariam intensas emoções no palco e após o espetáculo, conheceriam melhor as próprias almas.

Mas nem sempre o teatro teve uma função nitidamente educativa: em plena Idade Média, na Antiga Itália, a arte da comédia era praticada por trupes de atores ambulantes, cuja maior ambição era divertir a platéia da melhor maneira possível.

Treinados para esta profissão desde pequenos, os atores da antiga Comédia dell'Arte passavam a vida interpretando um único papel. Mas os Arlequins, Colombinas, ou os falsos médicos, os charlatões e Lellios, como eram chamados os jovens apaixonados, jamais se entediavam durante seus espetáculos pois desafiavam-se diariamente, inventando histórias em cena. Para eles, a arte da comédia era a arte do improviso.

Na Inglaterra, Shakespeare contraria as convenções herdadas do teatro grego, para introduzir a aventura em cena. Criando romances inesquecíveis, dramas inigualáveis e comédias irresistíveis, os enredos criados por Shakespeare continuam a povoar a imaginação dos povos até os dias de hoje através de inúmeras adaptações para a televisão e cinema.

Para Shakespeare, a vida era o teatro e o teatro era o palco da vida. Contudo, grande parte dessa riquíssima tradição cênica, que há séculos ilumina a alma humana, como desejavam os gregos e japoneses, permanece afastada da sala de aula.

O TEATRO EM SALA DE AULA

Qual seria a função do teatro em sala de aula?

Como pudemos ter uma idéia através dessa breve menção às antigas formas de encenação, o teatro pode ter inúmeras funções dependendo do momento em que ocorre o espetáculo: pode trazer encenações de antigas histórias, como no teatro chinês, pode conter um significado mítico, como no teatro japonês, pode fazer rir, como na antiga Itália, ou pode fazer tudo ao mesmo tempo como no maravilhoso mundo de Shakespeare.

Em sala de aula, o teatro pode ser um instrumento para um trabalho com língua portuguesa, um estímulo à pesquisa de cunho histórico e social, uma forma de entrosar a classe e ensinar através do divertimento.

Toda criança sente uma atração natural pelo teatro e tem na encenação, nos jogos simbólicos, uma forma natural de brincar e refletir. Como alimentar essa tendência no lugar de alijá-la do ensino, como normalmente acontece?

Vamos pensar primeiramente no que pode consistir uma encenação.

Como o teatro nasce da junção de gestos, vozes e cenário, esta combinação de elementos pode ser trabalhada de diversas maneiras dependendo da idade das crianças.

Como forma de iniciar um trabalho cênico, seria interessante, por exemplo, dividir a classe em grupos e pedir que encenassem contos de fadas escolhidos pelas próprias crianças. Naturalmente isto pode gerar bastante conversa e polêmica até que os grupos elejam seus contos preferidos e concordem quanto à maneira de encená-los. É preciso, portanto, que o professor esteja presente orientando de perto o trabalho.

Uma vez escolhido o conto, o professor pode orientar as crianças para que escrevam os diálogos que serão encenados. Para que a fala funcione no palco, é preciso que esteja bem pontuada. A pontuação é um grande auxílio ao ator, portanto este trabalho seria extremamente enriquecedor do ponto de vista gramatical.

As crianças também podem desenhar cenários ou figurinos compondo fichas para os personagens principais de suas peças, cujos trajes devem ser também descritos e não apenas desenhados. Ou seja, o trabalho de idealização e encenação de um espetáculo é um momento privilegiado para o trabalho com língua portuguesa. Este trabalho poderá ser transformado num livro a ser incorporado à biblioteca da escola, para que possa ser utilizado por crianças que se interessem pelo assunto.

Quando os ensaios tiverem terminado, o professor pode convidar os grupos a encenarem seus contos de fadas preferidos para a escola ou até mesmo para os pais. À medida que o teatro se tornar um instrumento de trabalho valorizado e compreendido pela classe, o professor poderá modificar as formas de trabalhar a cena. Poderá, por exemplo, introduzir o texto de grandes escritores para teatro como o próprio Shakespeare, por exemplo, aliado à uma pesquisa sobre a Idade Média, os trajes e costumes daquela época.

Pode pedir às crianças que transponham a história para o tempo

presente para ver se isso é possível. Um enredo como o de Romeu e Julieta é facilmente traduzido para os tempos modernos e permanece sempre emocionante.

Pode também apresentar à criança os grandes autores nacionais de teatro infantil, como Ana Maria Machado e seu Fantasmilha Pluft, ou utilizar uma das várias adaptações de Monteiro Lobato para o teatro.

Pode introduzir a música como elemento cênico e fazer um trabalho interdisciplinar. Pode introduzir uma pesquisa sobre a novela de televisão e seus vínculos com o teatro. Enfim, pode trazer luz à sala de aula, fazendo com que os alunos abandonem suas grutas particulares e entreguem-se de coração à arte de aprender.

AS ENCICLOPÉDIAS NA SALA DE AULA

Os homens, através de sua história, vêm observando e procurando entender a natureza e tudo o que o mundo conhecido lhes oferece. Vêm também construindo linguagens. Os conhecimentos derivados dessa atividade, a atividade inteligente dos homens, encontram-se organizados em grandes conjuntos, **os objetos sociais de conhecimento**. A Língua Escrita, a Matemática, a História, a Geografia, as Ciências Naturais, a Arte...

Esse conjunto de conhecimentos é um patrimônio da humanidade. Foi construído socialmente e acumulado pelas diferentes gerações que se sucederam através da história, e cada época precisou encontrar formas de transmiti-los para as gerações que se sucediam.

A instituição escolar foi criada para garantir a transmissão do patrimônio cultural humano às gerações sucessivas. A escola é a forma de garantir que as novas gerações aprendam e possam se utilizar dos conhecimentos já construídos pelos homens até então, participando ativamente do ambiente cultural em que nasceram, que devem preservar e com o qual precisam poder contribuir.

As crianças devem ir à escola para aprender sobre a Língua que utilizam para se comunicar (em nosso caso a Língua Portuguesa), sobre a linguagem que dá conta das operações que envolvem quantidades (a Matemática), sobre a forma como o discurso científico explica os fenômenos da natureza, sobre as formas como os homens vêm contando sua própria história (na História), descrevendo o espaço onde vivem (na Geografia), representando seu universo em formas pictóricas (nas Artes Visuais), sonoras (através da Música), etc.

As escolas determinam quando a criança deve entrar em relação com

determinado conteúdo de conhecimento. Isso faz parte da organização e administração escolar. De acordo com essa organização, a cada ano, os alunos aprendem determinados conteúdos através de diferentes atividades envolvendo materiais diversos.

Em meio a eles, estão diferentes tipos de livros, entre os quais temos que reconhecer o papel relevante dos dicionários e, principalmente das enciclopédias, onde os alunos encontram informações variadas e aprendem sobre diferentes saberes construídos pelos homens.

Organizadas de forma que qualquer pessoa possa consultá-las, as enciclopédias são, em geral, fartamente ilustradas, e mesmo não sendo um leitor competente, um bom leitor de informações contidas em imagens pode aprender muito com elas.

Por isso podemos dizer que as enciclopédias são importantes meios de democratização do saber. Aliás, esse aspecto faz parte de sua história.

UM POUCO DA HISTÓRIA DAS ENCICLOPÉDIAS

Na Europa, livros contendo informações sobre um determinado tema, bem como dicionários de língua, eram escritos desde a baixa Idade Média. No século XIV havia, por exemplo, os dicionários de Artes e Ciências, de Thomas Corneille, considerada como uma das primeiras enciclopédias técnicas do mundo.

A primeira enciclopédia moderna, dirigida ao grande público, foi publicada no século XVIII, em pleno Iluminismo.

Contando com a colaboração de Voltaire, autor de "Cândido" e um dos maiores filósofos de seu tempo, e de Rousseau, o criador do primeiro texto pedagógico moderno, "Emílio", a Enciclopédia foi dirigida por Diderot, autor de "Jacques, o Fatalista", e de diversos ensaios filosóficos.

A "Enciclopédia" é reconhecida como a primeira grande tentativa de produzir um livro que integrasse conhecimentos de todas as áreas, escrito com clareza e fartamente ilustrado, com o objetivo de divulgar o conhecimento de especialistas ao grande público. Este trabalho, de certa forma, preconizava a Revolução

Francesa, que teria como um de seus principais objetivos, colocar os conhecimentos e a educação ao alcance de todos.

Para Diderot, Voltaire e d'Alembert, o universo era um grande livro perfeitamente decifrável. Bastava saber lê-lo. A enciclopédia traduz, ao leitor moderno, a utopia de um século que acreditava piamente no emprego da razão para a solução de todos os problemas do mundo, que desprezava a religião e as superstições e advogava o caminho rumo à futura industrialização e modernidade.

Ao lado da "Bíblia", a "Enciclopédia" foi um dos primeiros livros a serem amplamente comercializados. Feito em pranchas, impresso a custo da força manual dos próprios artesãos, cada exemplar demorava bastante a ser concluído.

Muito se passou desde aquela época. Atualmente, em plena era da informática, os conhecimentos são transmitidos de forma cada vez mais rápida e eficaz. Há inúmeras edições de enciclopédias disponíveis para o estudante, e as bancas de jornais estão repletas de fascículos e pequenos dicionários ilustrados. Afinal, a luta dos antigos enciclopedistas realmente valeu a pena.

A ENCICLOPÉDIA NA SALA DE AULA Em sala de aula, o professor pode introduzir a leitura de enciclopédias não só ensinando seus alunos a utilizarem essas publicações, como um apoio à pesquisa, como também pode fazer com que eles a compreendam enquanto um gênero da escrita.

Como se constrói uma enciclopédia?

O que é um verbete?

Como estão aglutinados os principais tópicos?

Uma vez tendo feito um estudo de como se organiza o texto no seio de uma enciclopédia, o professor pode organizar grupos em classe e pedir aos alunos que escolham temas para a criação de pequena enciclopédias.

Animais, plantas e até mesmo jogos e brincadeiras podem ser registrados pelo grupo e organizados em ordem alfabética em formato de verbetes

que os descrevem minuciosamente. De forma lúdica e instrutiva, a classe poderá ter, assim, seu próprio repertório de interesses organizado e depois socializado pela escola através de um mural ou publicação. Ao criar uma pequena enciclopédia em classe, o professor estará propiciando um trabalho de pesquisa, escritura de texto referencial (descritivo), no qual se privilegia a organização lógica e concisa como eixos do discurso. Poderá também introduzir o uso de uma bibliografia, discutir o papel das notas, da folha de créditos e até, se os alunos o desejarem, do espaço para os agradecimentos.

COMO AS CRIANÇAS APRENDEM A GOSTAR DE LER

As crianças são mergulhadas no maravilhoso mundo dos conto de fadas desde muito pequenas, antes de entrarem para a escola. Através deles, antes de se iniciarem no universo da palavra escrita, as crianças desfrutam da liberdade típica da língua oral, onde uma mesma história pode ser recontada de diversas formas, ao sabor do momento.

O conto de fadas é um gênero literário, uma forma especial de se narrar histórias, nas quais certos elementos se mantêm: acontecem num lugar distante, sem nome, obviamente imaginário, são contados por um narrador anônimo que jamais se apresenta ao leitor, seus protagonistas são heróis e vilões claramente caracterizados (uma linda princesa, uma terrível bruxa, um valente camponês) e terminam, a maior parte das vezes, com finais felizes.

Descrevendo-as desta forma, estas histórias parecem simples e até previsíveis. Mas não o são e não há quem não se emocione com um conto de fadas bem contado e ilustrado. Isso porque, embora os contornos dos contos de fadas sejam claramente delineados, tudo acontece num espaço onde tudo pode acontecer. Isto é, a natureza e as pessoas formam um único corpo, os personagens facilmente se transformam em animais e plantas, assim como qualquer ser do universo pode conter um jovem encantado preso a um feitiço. Trata-se de um universo de metamorfose constante onde o jogo das aparências, do tempo linear, da verdade abertamente declarada formam textos cheios de surpresas e sutilezas.

Quando a criança é alfabetizada, muitas vezes o professor se pergunta: *E agora ? O que será que posso oferecer a eles? Afinal, já passaram da idade do conto de fadas!*

Na verdade o professor comete um equívoco porque não existe verdadeiramente uma idade *certa* para se ler um conto de fadas ou outro tipo

de narrativa. O bom livro não é como um sapato velho que, quando o pé cresce, é posto de lado. Uma história bem contada pode e deve ser relida ao longo de toda a vida.

Vejam a magistral obra de Monteiro Lobato. Nela a história se passa dentro de um sítio, os personagens têm nomes e idades claramente enunciadas. Que tipo de narrativa será esta?

Ora, o sítio do Picapau Amarelo, dentro do universo criado por Lobato, é um espaço tão atemporal quanto qualquer floresta encantada. Tudo pode acontecer naquele espaço, o imaginário do mundo todo cabe nos recônditos daquelas terras mágicas. Uma boneca pode falar, uma espiga de milho se transforma em gente, todas as viagens míticas são possíveis e o tempo, em diversos momentos, pára de existir.

Atualmente, a tendência seria a de alcunhar obras como as de Lobato como literatura de fantasia. Ou seja, narrativas que contém certos índices de "realidade", mas que conservam vários elementos dos contos de fadas; um gênero literário que oferece um mundo no qual o cotidiano apenas oculta um universo paralelo cheio de magia e mistério.

Quando as histórias rompem com o final feliz, deixando claro ao seu leitor que *tudo pode realmente acontecer*, inclusive um final desastroso para os protagonistas das aventuras, estamos diante de uma obra de literatura fantástica. Intimamente ligada ao gênero contos de fadas, ela descreve histórias nas quais o mundo familiar é invadido por um mundo incompreensível e misterioso, movido por regras que os heróis terão que decifrar e cujo código parece sempre lhes escapar.

Desse ponto de vista, a literatura nasce de um jogo com o leitor, um jogo no qual quem lê precisa acreditar que o texto contém uma verdade, precisa *fazer de conta* que aquela história poderia ter acontecido e emocionar-se com o destino de cada personagem. Dentro desse jogo, cada gênero oferece um sabor, uma experiência diferente de leitura que não deve ser catalogada e discriminada segundo critérios rígidos.

Por isso o professor deve ter o cuidado de permitir que seus alunos exercitem-se na descoberta da leitura e possam propor suas obras preferidas aos colegas, mesmo que sua escolha contrarie o gosto do próprio professor, não se deixando intimidar pela escolha de seus alunos ou pela rejeição de uma determinada obra. Aliás, ao contrário do provérbio, em sala de aula, o gosto se discute e muito. Uma obra polêmica pode gerar longas conversas sobre o que os alunos crêem que um bom livro deve lhes oferecer, sobre as diversas funções da leitura e escrita.

A leitura, mesmo na vida cotidiana, nasce de sugestões dos outros e de escolhas próprias. Isso pode ser desenvolvido através de um trabalho de biblioteca, por exemplo, com a criação de uma biblioteca de classe, com a programação de conversas periódicas sobre os livros que os alunos estão lendo ou com o incentivo a visitas à bibliotecas da cidade.

O professor pode trazer à classe as resenhas literárias publicadas em jornal ou revista. Pode gravar entrevistas com escritores ou trazê-los à sala de aula para serem entrevistado pelos alunos.

A partir dessas atividades, as crianças poderão fazer suas próprias resenhas e entrevistas. Descobrirão a profissão do crítico e poderão investigar como se sentem os escritores quando são duramente criticados. E, principalmente, descobrirão que o leitor também é uma espécie de autor pois, ao ler, descobre coisas que muitas vezes o próprio autor não sabia que estava colocando em seu texto.

"Meus alunos não serão capazes de entender as histórias dos livros que não foram escritos para alunos de 1º grau! São textos muito difíceis!" -poderá pensar o professor.

Será que são realmente?

Quando um leitor, um aluno, está interessado em descobrir o final da história que está lendo, quando ele quer saber o que acontecerá ao seu herói, é capaz de chegar ao final de uma história mesmo sem ter familiaridade com todas as palavras do texto que tem em mãos.

Por que?

Naquele momento, o aluno/leitor estará interessado em descobrir o fio narrativo, é vítima do sortilégio da história, isto é, está sob o encantamento do suspense, lê movido pela própria curiosidade.

O professor pode propor este desafio a si mesmo e à sua classe.

Ao libertar os alunos para que leiam, mesmo "sem entender tudo", o professor estará lançando-os ao verdadeiro universo da literatura. Afinal, o bom livro, o clássico literário, é justamente o livro que propicia inúmeras leituras. É aquele cujo significado sempre nos foge um pouco e cujo mistério nunca seremos realmente capazes de solucionar.

Os bons livros, como a própria vida, deixam no ar um certo enigma, um sabor de desconhecido que o professor deve e pode desfrutar juntamente com seus alunos.

A leitura de um livro, num primeiro momento, quando a criança ainda não é fluente, pode lhe parecer fria se comparada ao prazer que desfrutava ao ouvir uma história em companhia de amigos. Se em casa a criança não tiver usufruído da experiência de ver pais e familiares entretidos na leitura, se pertencer a um ambiente onde absolutamente não há esse hábito, nasce a possibilidade de uma rejeição ao ato da leitura.

Mas se o professor for capaz de introduzir a idéia de que a escrita é um jogo instigante e a leitura uma fonte inesgotável de conhecimento, estará abrindo os olhos de novos leitores e o caminho de vigorosos escritores.

Há tantos livros quanto leitores, isto é, ler é experimentar a complexidade, a multiplicidade; é avistar incontáveis paisagens secretas que se ocultam sob o suave manto da vida cotidiana.

A ESCRITA E AS IMAGENS NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O aprendizado da leitura envolve um aspecto importante da formação das pessoas e que, muitas vezes, é subestimado durante os processos de ensino escolar: o de contribuir para que as crianças possam construir uma postura de leitores atentos e críticos em relação às idéias e informações que obtem através dos textos.

Antes de poder ter suas próprias opiniões sobre os textos que lêem, as crianças aprendem sobre suas qualidades com os adultos leitores que as cercam e, na escola, com seus professores. Como crianças, os alunos tendem a considerar que se o professor pediu para ler, é porque aquele texto tem algum valor. E geralmente devem estar certos, já que, por definição, o professor é responsável pela mediação de conteúdos de qualidade.

Por outro lado, enquanto frequentam as classes de primeiro grau, as crianças ainda não têm conhecimento suficiente para ter autonomia de opinião sobre a qualidade dos textos através dos quais está aprendendo.

Isso, no entanto, não impede que possam pensar, ajudadas pelos professores, sobre a qualidade de diferentes tipos de texto que chegam até elas. Podem fazer uma análise relativa ao conteúdo das histórias que lêem, por exemplo, quando participam de atividades onde indicam leituras para seus colegas. E mais que isto, podem ir se desenvolvendo como leitores atentos e críticos ao procurar entender (desvendar o significado das mensagens) e discutir o conteúdo de muitos textos que chegam diariamente até elas: os textos de propaganda veiculados permanentemente pelos meios de comunicação.

A televisão, o rádio, e até mesmo a paisagem urbana repleta de cartazes e sinais luminosos contém os textos da propaganda, os famosos slogans, isto é, palavras chaves, chamadas, criadas por publicitários para anunciar produtos à venda.

Encarada em seus aspectos mais negativos, a propaganda tem sido criticada por vender uma imagem de juventude e felicidade irreais, como no caso dos comerciais de cigarro que anunciam seu produto, altamente prejudicial à saúde, através de lindos e jovens esportistas.

Porém, mesmo combatida e cada vez mais sujeita às leis que a impeçam de "vender gato por lebre", a propaganda continua eficaz, espalhando-se por todos os lugares.

A publicidade nasce da observação, da criação e do imaginário de quem cria a propaganda e de quem vai consumir o produto. Sua chave mestra é a frase, ou conjunto de frases, que definem um produto de uma forma única e criativa, gravando-se na memória das pessoas como o refrão de uma canção. Como uma de suas funções primordiais é deixar uma marca indelével na memória, a propaganda foi buscar na poesia os recursos que tornam uma frase inesquecível. Além da rima, o recurso mais característico da poesia, os publicitários utilizam as assonâncias, repetições, aliterações tratando as palavras como se estivessem inseridas numa breve canção ou minipoema.

Crianças são extremamente suscetíveis ao efeito da propaganda. Como trabalhar todo este universo textual que cerca a criança contemporânea dentro da sala de aula?

Se o professor considerar os textos publicitários como uma fonte de conhecimento e informação, terá um bom instrumento em mãos, para revelar à criança as artimanhas da publicidade, suas armas, qualidades e defeitos.

Um bom começo pode ser uma simples pesquisa sobre os textos que compõem as embalagens alimentícias, por exemplo.

O professor pode analisar com seus alunos diversos tipos de embalagens e os textos que as compõem. Pode contar às crianças que a propaganda pode ser mentirosa e que as leis atuais exigem que isso seja punido. Afinal, no passado, tantos xaropes eram impunemente vendidos como cura para tudo, e tantas pessoas foram logradas que

começaram a surgir os códigos de ética na propaganda, os serviços de defesa do consumidor, a vigilância sanitária.

Caso os alunos mostrem interesse por essas atividades, podem utilizar um instrumento muito adotado por publicitários e fazer pesquisa de campo.

Elaborar, juntamente com o professor, um questionário sobre os hábitos alimentares de seus familiares e montar uma pesquisa sobre alimentação, por exemplo. Esta seria uma boa forma de trabalhar língua portuguesa (no decorrer da elaboração do questionário), ciências sociais (ao estudar os hábitos de uma determinada população), matemática (para analisar os dados colhidos e enumerar quais são os hábitos alimentares mais comuns).

Tratando o tema da publicidade como gerador de situações de aprendizagem, o professor poderá ainda criar em classe uma pequena campanha publicitária a partir de um produto inventado pelas próprias crianças.

Cartazes, slogans, embalagens e etiquetas poderiam ser desenvolvidas em atividades ao mesmo tempo desafiantes, lúdicas e de cunho interdisciplinar já que envolveriam também um trabalho de oficina de artes.

Quais são as cores e formatos mais utilizados em embalagens?

Que tipos de letra compõem uma embalagem?

À medida que as crianças transformam a publicidade, em objeto de estudo, terão ocasião para desnudar sua linguagem, intuir seus méritos e defeitos, sua eficácia e poder de inserção na vida cotidiana. E, principalmente, aprender a observar que, no caso da publicidade, *nem tudo o que reluz é ouro.*

A RECEPÇÃO DA LEITURA

Embora hoje em dia, pesquisadores e professores reconheçam na leitura seu papel de instrumento fundamental de aprendizagem, sabe-se que é raro que desse aprendizado os alunos venham a descobrir o prazer de ler.

No entanto, num enfoque amplo do ensino da leitura, o ensinar a ler para aprender deve vir acompanhado do **ensinar a ler para ler**.

É importante que os alunos aprendam que a leitura também é um instrumento para o ócio e a diversão, uma ferramenta lúdica que nos permite explorar mundos diferentes dos nossos, reais ou imaginários, que nos aproxima de outras pessoas e de suas idéias, que nos converte em exploradores de um universo que construímos com nossa imaginação.

Em todos os níveis de escolaridade deve haver tempo e espaço programados para ler por ler, ler para si mesmo, sem outra finalidade que a de sentir o prazer de ler. Fomentar o prazer da leitura não é algo independente de ensinar a ler.

Vejamos alguns exemplos de bons encaminhamentos que podem contribuir para a qualidade da recepção dessa relação com a leitura.

Ser capaz de ler é também saber caminhar pelas trilhas imaginárias das bibliotecas do mundo inteiro, é conhecer as afinidades entre os estilos e escritores, é principalmente, ter informações acerca das obras e seus autores.

Os alunos poderão desenvolver pesquisas sobre livros de ficção científica. Quem são seus principais autores nacionais ou internacionais? Qual a importância da obra de Júlio Verne para o desenvolvimento deste gênero literário? Cada grupo poderá encarregar-se de um autor, resenhando seus livros, assinalando seus temas preferidos, seus "itinerários".

Isac Azimov, por exemplo, prefere histórias de robôs, Ricardo Gouveia opta por aventuras interplanetárias, H.G. Wells pelo contato com

extraterrestres. Como é a relação entre o homem e a ciência nesses livros?
Será que esses escritores prevêm o futuro?

É importante reparar como Júlio Verne, por exemplo, foi capaz de prever invenções através da literatura.

PARA GARANTIR A QUALIDADE DA APRENDIZAGEM DE LEITURA

- Os professores devem garantir que os alunos sintam-se motivados para aprender, já que aprender requer esforço pessoal;
- Para aprender a ler as crianças precisam ver a leitura como algo interessante, que as desafia, porém que poderão alcançar com a ajuda do professor;
- Os alunos devem dar-se conta de que aprender a ler é interessante e divertido, e que esse aprendizado lhes permitirá ser mais autônomos; Os alunos também devem perceber como pessoas competentes que, com ajuda e recursos necessários, poderão ter êxito. E nesse sentido o trabalho deve contemplar o conjunto bastante amplo de estratégias complementares que os alunos utilizam em sua aproximação à leitura.

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO

Os aparelhos de televisão estão, hoje, no centro da vida doméstica, como meio de entretenimento e fonte de informação permanente para toda família; informam adultos e crianças sobre os mais diferentes aspectos do mundo que nos rodeia.

A televisão atualiza diariamente o mundo conhecido por cada telespectador.

É sem sombra de dúvida, o meio de comunicação que mais intervém, diariamente, no sistema educacional; é um veículo indiscutível de expansão dos espaços de aprendizagem que a sociedade moderna nos oferece.

No Brasil, a falência da escola pública e o conseqüente aumento dos índices de analfabetismo e semi-analfabetismo, colocou a televisão no lugar da mídia impressa, como o mais socializado espaço para a obtenção de informações.

As crianças estão mais expostas aos conhecimentos que a televisão proporciona, que àqueles advindos da escolaridade ou das relações familiares. Frente à televisão, a criança entra em contato com novos e diferentes conteúdos e encontra estímulos para criar novas relações entre temas já conhecidos. Sucumbem à luminosidade animada da tela e aprendem sobre o mundo em que vivem; se informam sobre as últimas conquistas das ciências, as guerras, os gestos políticos do mundo todo, entre tantas outras coisas; aprendem com a ficção dos filmes e das novelas, com os telejornais e com os documentários.

Do que vêem, muito não entendem, nem sempre se divertem e compartilham com milhares de pessoas, um número incalculável de informações sonoras e visuais que progressivamente vão ganhando sentido, se transformando em aprendizagens significativas, incorporadas à realidade cotidiana.

O sistema escolar não pode ignorar esse fato: deve reconhecê-lo e integrá-lo. Principalmente agora, no final do século, quando a cada dia

torna-se mais difícil prever o que será necessário saber no ano 2000.

Mas que mundo contemporâneo chega a cada criança? Qual a qualidade dos conteúdos a que tem acesso? Através de que programações ela se instrumenta para o espaço social em que está crescendo?

A programação que não é evidentemente infantil (desenhos animados, por exemplo) mas que se dirige às crianças (como os programas com apresentadoras) ou que pretende abranger o público infantil sem ter um objetivo educativo e mesmo cultural declarado (telenovelas em horários vespertinos, por ex.) são construídos a partir de uma visão *adultocêntrico*, veiculam valores adultos e de uma psicologia adolescente, como se fossem também valores infantis (namoro, moda sexy, etc.) maquiados pela presença de personagens e cenários coloridos, no caso dos programas de auditório e cotidianizados nas tramas e enredos das novelas.

O mundo infantil que essa programação propõe é uma versão de um ideal de mundo adulto, desenhado pelos valores da burguesia na sociedade contemporânea. Ensinam as crianças a desejarem ser como aqueles personagens e constroem a idéia de que elas podem e devem ser, viver a partir desses modelos, ainda enquanto crianças.

Os professores podem aprender a utilizar o que já existe de qualidade nos programas de televisão para alimentar sua ação na sala de aula, para atualizar suas fontes de informações e as informações veiculadas por livros didáticos anacrônicos.

Cabe aos pais ensinar a seus filhos as qualidades da televisão: ajudá-los a reconhecer na televisão um meio de comunicação e entretenimento, um veículo de informação, um espaço suplementar da escola, um espaço de instrução permanente.

Educar para a cultura inclui necessariamente educar para a televisão.

BIBLIOGRAFIA

- Cagliari, L.C. Alfabetização & Linguística, Ed. Scipione, São Paulo, 1989.*
- Dondls, DONIS A. Sintaxe da Linguagem Visual, Martins fontes, São Paulo, 1991.*
- Gallart, Isabel Solé.** "El Placer de leer", In *Lectura Y Vida*, Año 16 n° 3, Setembro de 1995, *Revista Latinoamericana de Lectura*, Buenos Aires, Argentina.
- Kaufman, A.M. e Rodrigues, M.H. A Escola e os Textos, Artes Médicas, Porto Alegre, 1994.*
- Lerner, Délia e Pizani, Alicia PP A Aprendizagem da Língua Escrita na Escola, Artes Médicas, Porto Alegre, 1994.*
- Machado Irene A. Literatura e Redação, Editora Scipione, São Paulo, 1994.*
- Moureau, François. Le. Roman Vrai de L'Encyclopédie., Découvertes Gallimard. Ed. Gallimard, França.*
- Teberosk, Ana. Psicopedagogia da Língua Escrita, Trajetória, Unicamp, São Paulo, 1989.*
- Teberosk, Ana e Cardoso, B. Reflexões sobre o Ensino da Leitura e da Escrita, Trajetória, Unicamp, São Paulo, 1989.*
- Teberosk, Ana Aprendendo a Escrever, Ed. Ática, São Paulo, 1994.*
- Wolgensinger, J. L'Histoire de La Une. La Grand Aventure de La Presse, Découvertes Gallimard, Ed. Gallimard, França.*

ANOTAÇÕES

Cavalcanti, Zélia. C376I Livros etc.../Zélia Cavalcanti. — Brasília,
Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação à Distância,
[1996]. 58 p. il. (Cadernos da TV Escola)

1. Livro didático. 2. Gosto pela leitura. 3. Leitura. 4. Iniciação à escrita-
Material instrucional. I. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de
Educação à Distância. II. Série.

CDU: 372.41:371.671.12

MEC

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Anexo 1, Sala 327,
CEP 70047-902, Brasília, DF
Fax (061) 321-1178



Capa: Estação das Mídias - Impressão: Posigraf

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)